Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

HABITANDO CENÁRIOS DE UMA PAISAGEM INABITÁVEL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE FOTOGRAFIAS DE DESASTRES AMBIENTAIS NO BRASIL

INHABITING SCENARIOS OF AN UNINHABITABLE LANDSCAPE: A DISCUSSION BASED ON PHOTOGRAPHS OF ENVIRONMENTAL DISASTERS IN BRAZIL

HABITANDO ESCENARIOS DE UN PAISAJE INHABITABLE: UNA REFLEXIÓN A PARTIR DE FOTOGRAFÍAS DE DESASTRES AMBIENTALES EN BRASIL

Leonardo Marques Kussler
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo/RS, Brasil

Marina Lorenzoni Chiapinotto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil

REVISTA DA FUNDARTE

Resumo

Neste artigo, partimos de uma reflexão acerca do conceito de Antropoceno no contexto de degradação ambiental contemporânea. Propomos, pois, um recorte sobre a cena brasileira da última década com os casos dos desastres ambientais de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul. Na primeira seção, tecemos diálogos entre autores de referência acerca do Antropoceno, além de destacar diferentes *modos de habitar* e alternativas ao molde destrutivo que nos empurrou à atual situação. Na segunda seção, analisamos fotografias sob uma perspectiva da semiótica, destacando a relação temática do Antropoceno e das paisagens inabitáveis interligadas pelo signo da lama em imagens documentais produzidas por artistas contemporâneos brasileiros.

Palavras-chave: Crise climática; Fotografia; Arte Contemporânea.

Abstract

In this article, we begin to ponder the concept of the Anthropocene in the context of contemporary environmental degradation. Thus, we propose an overview of the Brazilian landscape over the last decade, including the environmental disasters in Minas Gerais and Rio Grande do Sul. In the first section, we compose dialogues between leading authors about the Anthropocene, highlighting different *modes of inhabiting* and alternatives to the destructive model that has led us to our current situation. In the second section, we analyze photographs from a semiotic perspective, highlighting the thematic relationship between the Anthropocene and

Volume 2026
ISSN 2319-0868

uninhabitable landscapes interconnected by the sign of mud in documentary images produced by contemporary Brazilian artists.

Keywords: Climate crisis; Photography; Contemporary Art.

Resumen

En este artículo, comenzamos con una reflexión sobre el concepto del Antropoceno en el contexto de la degradación ambiental contemporánea. Proponemos, por lo tanto, centrarnos en la escena brasileña de la última década, específicamente en los desastres ambientales de Minas Gerais y Rio Grande do Sul. En la primera sección, dialogamos con autores clave sobre el Antropoceno, destacando diferentes formas de habitar y alternativas al modelo destructivo que nos ha llevado a la situación actual. En la segunda sección, analizamos fotografías desde una perspectiva semiótica, enfatizando la relación temática entre el Antropoceno y los paisajes inhabitables, interconectados por el rastro del barro en imágenes documentales producidas por artistas brasileños contemporáneos.

Palabras clave: Crisis climática; Fotografía; Arte contemporáneo.

1 Introdução

Tratar da temática do *habitar* em cenários desgastados e paisagens inabitáveis é refletir sobre o mundo nas atuais condições em que vivemos atualmente. Em um contexto de crise climática próprio do Antropoceno, marcado pelos impactos causados pelo ser humano, via modo de produção capitalista exploratório, repensar outros modos de habitar é imprescindível se quisermos sobreviver em meio ao apagamento de territórios, cenários e paisagens antes habitáveis. Para tanto, no presente artigo, propomos dois momentos reflexivos, um sobre os impactos ambientais causados pela crise climática que assola o mundo e, especialmente, o Brasil, e outro no qual trazemos a análise imagética, a partir de fotografias contemporâneas produzidas por artistas brasileiros, visto que são intrínsecas às camadas dos textos imagéticos.

Na primeira seção, abordamos o conceito de Antropoceno, enfatizando em que medida o modo de habitar o mundo por seres humanos, marcados pela lógica da produção exacerbada a partir da revolução industrial, levou à degradação ambiental em níveis alarmantes. A partir da perda da percepção de coabitação entre

Volume 2026
ISSN 2319-0868

humanos e não humanos, de modo interconectado, ressaltamos como nos tornamos incapazes de nos entendermos como partícipes de um todo, o que nos afasta da responsabilização e da preservação do meio ambiente. Dentro do panorama do Antropoceno, ressaltamos o conceito de *habitar*, justamente para mostrar que é possível pensarmos e projetarmos outros modos de *habitar o mundo* que sejam mais éticos e condizentes com uma postura mais responsável em relação às paisagens em que vivemos. Um dos exemplos de modos de habitar que deixam rastros mais naturais é ressaltado a partir da concepção ameríndia de desconsiderar o caráter meramente utilitarista da vida, abrindo espaço para uma dimensão mais comunal, recriando refúgios e cultivando outros modos de habitar [n]o mundo cuja relação humano-natureza seja mais equilibrada. Por fim, destacamos que há paisagens que não mais podem ser habitadas, justamente por se encontrarem indisponíveis para habitação, seja por catástrofes climáticas ou desastres ambientais.

Na segunda seção, trazemos à baila elementos sígnicos da estética das imagens, à discussão proposta, a partir da análise semiótica e hermenêutica de fotografias que retratam, respectivamente, o crime ambiental de Mariana e o desastre climático do Rio Grande do Sul. Argumentamos que há uma relação entre as duas paisagens que, por conta da crise climática e do descaso ambiental, passam por um processo de degradação e o que chamamos de *inabitabilidade*, seja ela temporária ou permanente. Assim, interessa-nos observar como esse cenário tem sido explorado por artistas contemporâneos que buscam abrir outros flancos de sentido para imagens documentais de catástrofes ambientais, com o objetivo de ampliar a criticidade, por meio de trabalhos mais aprofundados conceitualmente e que fujam dos clichês da informação visual dessas catástrofes que circulam na mídia cotidianamente. Para tanto, selecionamos artistas e obras icônicas de acordo com os seguintes critérios: a) as obras tiveram (ou ainda têm) ampla circulação e reconhecimento em festivais de fotografia, exposições e publicações (como livros de artista) no Brasil; b) as imagens têm uma linha — literalmente — que as conecta, signa, conceitual e esteticamente: a margem de lama. Também traçamos, aqui, um panorama teórico-metodológico da teoria semiótica da análise de textos fotográficos, dando especial importância às camadas de linguagem e de elementos culturais. Posteriormente, apresentamos uma análise imagética dos textos fotográficos que

Volume 2026
ISSN 2319-0868

dão a ver os diferentes cenários, ambientes e paisagens que se aproximam, semioticamente, pelas linhas enlameadas nos diferentes territórios. No todo, interpretamos quatro (4) fotografias, duas de Minas Gerais e duas do Rio Grande do Sul, cada uma de um(a) fotógrafo(a) diferente, mas que se interconectam pelas linhas de lama que marcam a destruição dessas paisagens inabitáveis.

2 Desafios do habitar no Antropoceno

Para começarmos a seção, gostaríamos de categorizar rapidamente o conceito de Antropoceno para, posteriormente, conectá-lo à discussão sobre os *modos de habitar*. Bom, o conceito de Antropoceno é recente, com pouco mais de duas décadas de uso formal, tal como o compreendemos atualmente. De maneira geral, Antropoceno é a junção de dois termos de origem grega, ἄνθρωπος [ánthrōpos] (ser humano) + καινός [kainós] (novo/recente), que, em conjunto, significam a *[nova] era dos humanos*. Inicialmente, parece ser uma coisa boa, certo? Contudo, como afirmam Pádua e Saramago (2023), o Antropoceno é mais do que apenas uma era dos humanos, mas a entrada da história humana na dinâmica da Terra. Nesse período em que a participação do ser humano no planeta passa a deixar *pegadas mais pesadas* na natureza — no sentido de que se trata da era em que humanos tornam-se uma força de mudança planetária e degradação ambiental —, é preciso considerar o impacto e a antropização do ser humano enquanto acelerador das alterações bioquímicas e geofísicas da Terra.

Estamos, enquanto seres humanos, alterando drasticamente o meio ambiente em que nos inserimos. Especialmente a partir do final do séc. XVIII, que coincide com o período de desenvolvimento da revolução industrial, as ações humanas e seus impactos globais se tornaram mais perceptíveis. Outra não coincidência é que os últimos dois séculos correspondem ao período em que dados coletados de geleiras mostram o crescimento da concentração dos gases de efeito estufa, assim como à invenção das máquinas a vapor e ao aumento da exploração de reservas naturais e da produtividade em larga escala nas fábricas (Crutzen; Stoermer, 2000). Na visão de Latour (2000), a modernidade, marcada pela retirada do sujeito da condição de natureza ou de separação entre sujeitos e objetos, é responsável por uma incapacidade de o ser humano ser capaz de se perceber enquanto *copartícipe*

Volume 2026
ISSN 2319-0868

e *ser interconectado* aos impactos do modo de vida humano na biosfera. Justamente por não percebermos nossa relação com o meio no qual vivemos, tornamo-nos incapazes de atribuir responsabilidade e uma noção de cuidado, preservação, manutenção e recuperação do meio ambiente que, enquanto espécie animal, ajudamos a criar.

Ao falar do *ambiente no qual vivemos*, gostaríamos de traçar algumas linhas sobre o conceito de *habitar*. Há dois radicais etimológicos interessantes para analisarmos, um de origem grega e outro de origem latina. Do grego, a partir do termo κατοίκησις [katoíkēsis], que significa residência, habitar um local e/ou *assentar-se em um lugar*, entendemos um modo de vida que *se deixa demorar em um território*. Já do latim, o termo *habitāre* esboça a noção de *viver em* ou *morar/povoar*. O termo *habēre*, por sua vez, denota ter/manter algo, no sentido de que habitar é também possuir, mas também *cuidar* e *fazer a manutenção*. Por fim, mas não menos importante, por correlação, o termo *habitus* significa hábito, ou seja, o comportamento de um ser, seu modo de [com]portar-se em determinado ambiente. Nesse sentido, o mundo no qual *habitamos* é um mundo que nos diz respeito, e nossos impactos e rastros existenciais revelam nosso *modo de ser-no-mundo*, a forma como habitamos em meio a outros entes, a outros seres.

A grande questão que circunda os modos de habitar no Antropoceno está relacionada às atividades econômicas e produtivas pelas quais atuamos enquanto seres humanos. Como afirmamos anteriormente, partindo do pressuposto de que a intensificação da degradação do meio ambiente ocorreu no período de consolidação e expansão da revolução industrial, consequentemente, a lógica capitalista de exploração desenfreada e a criação de estoques são algumas das principais causas. Neste sentido, Krenak (2020) afirma que talvez precisemos nos voltar a um modo de habitar o mundo considerando que *a vida não é útil*, de modo que o foco não seja, em todas as dimensões da vida, pensar e agir em prol da produtividade e da eficiência. Considerar que existimos no mundo quase exclusivamente como operadores da lógica produtiva nos coloca, enquanto entes que coabitamos o mesmo planeta, em uma redoma individualista, fazendo com que percamos boa parte de nossa dimensão cósmica e comunal, como se devêssemos nos conformar a viver no *Obedienceno*, de forma acrítica, apoética e descompromissada com o outro (Kussler; Capra, 2023; Kussler, 2024).

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

É nesse sentido que precisamos pensar e agir em nome de alternativas que descontinuem as práticas produtivas que, historicamente, buscaram, como afirma Moore (2016), *baratear a natureza*, a fim de manter o sistema extrativista e produtivo contemporâneo cujos resultados levaram à presente degradação e exaustão ambientais. Como exibido no documentário *O amanhã é hoje*, de Thais Lazzeri (2018), há várias formas de deterioração que mostram, enquanto desdobramentos da crise climática e de eventos climáticos extremos, como queimadas de grandes proporções, secas mais severas etc. Nesse sentido, habitar em alguns cenários considerados instáveis e desgastados ameaça formas de vida, como a dos indígenas Krikati, no sudoeste do Maranhão, que se encontram desacomodados, incomodados e, de certo modo, desalojados de seu próprio modo de *ser-no-mundo* (Kussler, 2023). Como propõe Haraway (2015), o Antropoceno no qual vivemos trouxe muitas descontinuidades, e o modo como habitamos [n]o mundo precisará de adaptações nunca antes feitas, de modo que uma das soluções seria *cultivarmos, com os outros, formas de recriar refúgios* às diferentes formas de vida. Ainda sob a perspectiva de Moore (2017), consideramos que pensar a lógica produtiva como parte da relação *ser humano-natureza* requer questionar organizações econômicas humanas, como o capitalismo e sua forma de produção exaustivamente exploratória, visto que a crise ecológica e climática atual é fruto dos modos de produção e exploração próprios do sistema capitalista ao longo de séculos.

Temas como *crise climática*, *mudança climática*, *emergência climática*, *crise ambiental*, entre outros, retratam, de algum modo, como há um processo de degradação ambiental e climática causado pela exploração exacerbada de recursos naturais, assim como a lógica hiperprodutiva do capitalismo voraz, a emissão de gases do efeito estufa, além de, obviamente, o individualismo simbólico, existencial, social e político fomentado pelo neoliberalismo. É por isso que alguns autores falam de *Capitaloceno*, visto que o termo *Antropoceno* parece focar na espécie humana enquanto agente do consumo de combustíveis fósseis, sem contextualizar isso no desenvolvimento do capitalismo exploratório que fomentava tais práticas em países colonizados, de modo que talvez seja mais interessante concentrar a análise na desigualdade econômica e no acúmulo de capital na dinâmica histórica do aquecimento global (Malm, 2016). Talvez uma alternativa seja pensar em outros modos de desenvolvimento socioeconômicos que não sejam simplesmente

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

sustentáveis, mas radicais mesmo, como nas propostas de autores como Saito (2024), que considera que é preciso romper com o sistema capitalista, já que este foi responsável pelo colapso climático, e passar para uma alternativa de *estados estáveis* — como as sociedades pré-capitalistas analisadas por Marx, que não operavam sob a lógica do crescimento —, o que ele chama de *comunismo de decrescimento*.

Com base no que argumentamos acima, parece improvável que possamos pensar e/ou falar em habitar *normalmente* algumas paisagens marcadas pelo declínio ambiental e climático. Para ter uma base para a discussão atual acerca do conceito de inabitabilidade no contexto de aquecimento global, crise climática e degradação ambiental, um estudo da NASA aponta que, até 2070, vários lugares do mundo ficarão inabitáveis devido ao calor extremo, à falta de água e ao desmatamento (León, 2024a). O que parece uma projeção alarmante se revela, com base nos eventos climáticos extremos que já estamos vivenciando no país — ondas de calor, enchentes, períodos de seca exacerbados —, como algo já vivenciado. Elementos como o aumento do nível do mar, ciclones tropicais e mudanças no regime de chuvas em diversas regiões levam à perda de biodiversidade em áreas desertificadas e, em alguma medida, ao deslocamento forçado ou à *migração climática*, que já é fato em algumas regiões brasileiras. Há, portanto, *paisagens já fantasmagóricas*, no sentido de que existem, mas de forma esmaecida, sem o mesmo brilho e a mesma saturação de décadas atrás.

No filme *Retratos Fantasmas* (2024), de Kléber Mendonça Filho, exibe-se a mudança da paisagem visual e existencial do centro de Recife a partir do fechamento de salas de cinema que são demolidas e/ou assumem outra função. Assim como no filme, algumas cidades e regiões brasileiras já estão mais no registro da memória do que no da vivência e da presencialidade, pois, como habitar uma cidade que perdeu tudo em uma enchente, como no caso de Roca Sales, que gerou um fluxo migratório climático de famílias que perderam suas casas às águas (León, 2024b). Cidades que tiveram seus centros históricos deslocados perderam completamente sua história, muitos elementos memoriais e de geolocalização, e o deslocamento das pessoas no habitar e povoar da cidade. Assim como no caso do deslocamento forçado de seres humanos e não humanos devido ao rompimento das barragens em Minas Gerais, no caso das enchentes do Rio Grande do Sul, também

Volume 2026
ISSN 2319-0868

houve migração de habitantes que perderam suas referências, seu chão, suas memórias e seu modo de vida até então. Paisagens que se perdem são cenários históricos cujo povoamento também é de afetos, de vivências e de coabitação que passam a não mais existir, apagando modos de habitar antes possíveis em outros contextos históricos e climáticos.

Para dar continuidade à discussão dos cenários e paisagens inabitáveis, na próxima seção, abordaremos a temática das paisagens inabitáveis do Antropoceno a partir de fotografias que registram e expõem o desastre de Mariana, por conta do rompimento da barragem e do lançamento de rejeitos de minério pelo rio Doce, em novembro de 2015, e da enchente catastrófica que assolou o estado do Rio Grande do Sul, com imagens que retratam os níveis da lama da água que se arrastou pela cidade de Porto Alegre, em maio de 2024. A ideia é mostrar dois desastres causados, direta ou indiretamente, pelo ser humano e que poderiam ser parcialmente evitados e/ou mitigados por meio de políticas públicas e parcerias privadas, caso houvesse maior responsabilidade socioambiental por parte dos respectivos gestores. Junto às imagens, que dialogam por meio de faixas horizontais de lama e barro tóxicos que se movem por águas contaminadas, faremos análises e refletiremos sobre os impactos do Antropoceno nas paisagens e nos cenários desgastados e parcialmente inabitáveis em que vivemos.

3 Reflexões imagéticas de paisagens inabitáveis

Iniciamos esta segunda seção ressaltando que há uma forte relação na forma de degradação ambiental e utilização dos recursos naturais do planeta em nome do lucro, desconsiderando a relação cósmica e relacional entre humanos e outros entes como iguais, tal como a sabedoria ameríndia preconizara há séculos (Krenak, 2019). Parece que, no contexto ambiental atual, consideramos muito relevante refletir sobre territórios inabitáveis e/ou em processo de *desabitação*, isto é, em vias de degradação e a caminho da impossibilidade de determinados modos de habitar.

Para a análise imagética que aqui propomos, há dois casos incontornáveis do ponto de vista da crise ambiental e do atraso em viver na lógica produtivista de larga escala própria do capitalismo selvagem: Mariana e Brumadinho. Antes de mais nada, gostaríamos de definir que não se trata de um acidente os fatos ocorridos no

Volume 2026
ISSN 2319-0868

rompimento de ambas as barragens de rejeitos de mineração de Mariana e Brumadinho, respectivamente, em 2015 e 2019. Como afirma Leeuven (2021), o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, em 2015, foi o maior crime ambiental do Brasil; não foi um *acidente*, nem um *desastre* ambiental, tampouco um *evento neutro*, mas uma bomba-relógio que operava em nome do lucro e do *modus operandi* de uma mineradora no contexto do capitalismo extrativista e exploratório. O cenário que antes abrigava comunidades e um modo de vida que incluía pesca e moradias, com história, foi totalmente destruído, e as famílias foram desalojadas e reassentadas forçosamente em outra região. Os rejeitos de minério se espalharam pelo rio Doce e pelo Oceano Atlântico, por meio de afluentes que desembocam no Espírito Santo, vitimando 19 pessoas e atingindo 49 municípios (Milagres; Mansur, 2024). No caso de Brumadinho, em 2019, o rompimento da barragem de Córrego do Feijão deixou 270 mortos e contaminou cerca de 300 km do rio Paraopeba, atingindo 26 cidades (Altino; Azevedo, 2024). Ambos os rompimentos foram causados, respectivamente, pela Samarco e pela Vale (também acionista da Samarco), empresas que atuam no ramo de mineração há décadas.

No cenário inabitável do Rio Grande do Sul, nossa análise imagética se concentra em imagens que, assim como as de Minas Gerais, exibem uma linha de lama que marca a altura da água. No caso do estado do RS, a linha de lama não é de rejeitos de mineração exploratória, mas da enchente que assolou 95% do território do estado (Rio Grande do Sul, 2025). As margens de lama que conectam as fotografias de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul evidenciam uma conexão simbólica, semiótica e conceitual que destaca, respectivamente, o descaso ambiental e social, em nome da ganância, e a omissão e o despreparo sociopolítico. O Estado do RS começou a receber alertas sobre a potencial gravidade das chuvas e eventuais enxurradas, enchentes e inundações a partir de 24 de abril de 2024, mas só solicitou que moradores de área de risco saíssem de suas casas 5 dias depois, quando quase 80 cidades já haviam sido atingidas (Lourenço, 2024). No caso da capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, o poder público foi conscientemente omisso, visto que houve inúmeros alertas do Departamento Municipal de Água e Esgotos (DMAE) sobre problemas em diversas estações de bombeamento de águas pluviais da cidade (ClimaInfo, 2024). Enquanto os técnicos ressaltavam, desde 2015, a ineficácia do sistema anticheias de Porto Alegre, desde

as cheias de 2023 e, especialmente, nos eventos extremos de 2024, o departamento havia informado sobre falhas em algumas estações de bombeamento, bem como sobre a ineficiência operacional de outras. Além disso, o enfraquecimento da legislação ambiental do Rio Grande do Sul, com endosso do governador, também mostra o nível de incapacidade e de responsabilidade política pela tragédia que assolou o estado do Rio Grande do Sul quase em sua integralidade (Abreu, 2024).

Como afirma Melo Filho (2023), é nesse cenário de incerteza, de alta industrialização e de produção em larga escala em que operam tais empresas, que acabam destruindo paisagens e impossibilitando diferentes modos de vida. No âmbito do que podemos chamar de *capitalismo antiambiental*, a lama de rejeitos passa por cima de vidas, destrói cenários, aterra histórias, como veremos nas fotografias da subseção a seguir. A seguir, analisaremos quatro (4) imagens de paisagens inabitáveis, impactadas negativamente por fenômenos climáticos extremos, próprios do meio ambiente degradado do Antropoceno no Rio Grande do Sul e do desastre de Mariana, em Minas Gerais.

4 Margens de lama: uma leitura dos textos fotográficos de cenários das catástrofes

Nesta segunda seção, entendemos a imagem fotográfica como um texto e este, por sua vez, pode ser tomado como uma unidade plena de sentidos e significações. Para que os sentidos e significações sejam decifrados a partir da gramática e da trama de códigos próprios do texto, assumimos o papel de interpretantes das mensagens nele contidas. Como diz Arlindo Machado (1994, p. 15), “a imagem se oferece agora como um ‘texto’ para ser decifrado ou ‘lido’ pelo espectador e não mais como uma paisagem a ser contemplada”. Por ser um texto no qual a mensagem imagética nele contida constitui-se como um texto cultural — um texto contido em outro, formando um texto complexo —, é necessário decompô-lo em camadas para decifrar (ou seja, para que sentidos e significações virem à tona) a mensagem destas fotografias que compõem o *corpus*.

Para Bystrina (1995), como cada texto pode ter significados diversos, sentidos polissêmicos, em um texto complexo surgem também diversas mensagens. Elas se armazenam em camadas superpostas, partindo das mais simples e

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

superficiais até as mais profundas e complexas. A análise em profundidade de textos culturais, a descoberta de mensagens ocultas e a interpretação dos textos são atividades que constituem o que há de mais importante no trabalho do semioticista. Isso converge com a perspectiva flusseriana, segundo a qual esse deciframento textual se dá por meio de um "mergulho até a intenção codificadora". E, para isso, é necessário estabelecer, aqui, as camadas principais para o desenvolvimento analítico dos textos imagéticos. A primeira camada é a da *linguagem fotográfica*, que visa identificar os elementos da gramática visual empregados na composição dos textos. É o modo como os elementos técnicos (a gramática) da fotografia organizam a mensagem que ela contém e, assim, contribuem para a produção de sentidos e significações.

Dessa categoria, há uma subcategorização: o plano, o ângulo, a composição, as linhas de força, por exemplo, que correspondem ao texto em análise, vão decompondo essas camadas superpostas, como diz Bystrina, da linguagem fotográfica na exploração dos sentidos evocados. Esses sentidos e significações também são evocados pela presença de outros elementos no próprio conteúdo do texto fotográfico (o texto fotográfico, enquanto linguagem, ainda não é um texto de cultura, pois se refere à técnica). Assim, a segunda camada de análise corresponde aos *elementos culturais*, que identifica os elementos sígnicos relativos à inabitabilidade — a falta de condições do que é habitável — e seus respectivos engendramentos no texto fotográfico. Tal engendramento desses sistemas de signos é decodificado por meio do que conota, do que significa e do que é potencialmente conferidor de sentidos num dado contexto cultural. As camadas são estabelecidas com base em autores que se dedicam à teorização e à análise de fotografias (Barthes, 1984; Duarte, 2000; Joly, 1996; Vilches, 1988; Sousa, 2004).

Fazemos, aqui, uma descrição sucinta de cada camada. À medida que as análises forem solicitadas, essas camadas serão detalhadas. A camada da linguagem tem como principais elementos aspectos como planos e ângulos de tomada fotográfica, composição (segundo as regras dos terços e da proporção áurea de Fibonacci), luz, objetivas e elementos morfológicos (como cores, texturas, formas). Já a segunda camada, de elementos culturais, foi estabelecida de acordo com autores da semiótica como Baitello (1997) e Bystrina (1995). Não as decompuseremos mais, ainda que sejam infinitamente amplas, tais como objetos

Volume 2026
ISSN 2319-0868

(artefatos desenvolvidos para instrumentalizar determinada sociedade, baseados em suas necessidades culturais) e gestualidade. Assim, ativamos a nossa enciclopédia e colocamo-nos diante das fotografias como interpretantes (analistas ou leitores, na terminologia acadêmica) para dar conta da reflexão que propomos. Em cada fotografia, as categorias que guiam as leituras são as seguintes: composição, ângulo, plano, elementos morfológicos e linhas de força na camada de linguagem; e elementos e objetos presentes na camada de elementos culturais. Ambas dialogam durante as análises para construirmos sentidos possíveis — e passíveis — de leitura.

Fig. 1 - Linha de lama de rejeitos em árvores que costeiam o rio Gualaxo do Norte



Fonte: Sterzi e Veiga (2016).

Na fotografia de Bruno Veiga (Fig. 1), é possível ver, no plano geral, a mudança de relevo que transformou o rio em uma trilha de terra e barro, enfatizando a capacidade destruidora e transformadora do ser humano quando acossado pelo sistema capitalista exploratório. Na imagem, vemos linhas horizontais marcadas nos

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

terços horizontais[1] da composição e, por isso, destacam aspectos importantes da mensagem fotográfica, tais como: 1) o rio após o efeito dos rejeitos de minério, transmutado em uma corrente de lama, com menos movimento; 2) as árvores com manchas da enxurrada tóxica em tons de marrom, díspar do tom natural dos caules; e 3) a copa das árvores com um verde ainda visível, mas um tanto amarelado pela contaminação das partes inferiores. Um rio que antes era limpo e cheio de vida, utilizado para a pesca por comunidades ribeirinhas e para transporte, irrigação regional e lazer, tornou-se uma paisagem desolada, com cores terrosas e terríveis; cores que deveriam remeter à natureza e à terra na qual pisamos, plantamos, causam medo e repulsa. Trata-se de uma fotografia cuja área de sombra restringe os tons e intensifica a textura nos dois terços superiores e, consequentemente, o impacto visual da devastação do crime ambiental na linha marcada de lama que atravessa o arvoredo.

Na figura abaixo (Fig. 2), imagem de autoria da fotodocumentarista Isis Medeiros[2], vemos um ambiente urbano, altamente antropizado, no qual temos a figura de uma mulher na porção central (segundo a proporção áurea) da imagem, usando luvas e apoiada na grade do que parece ser a varanda da moradia marcada, em suas paredes, por uma barra de lama de rejeitos de minério que chega à altura dos seus ombros no segundo plano da composição fotográfica. No primeiro plano, em frente à varanda onde está a mulher, vemos um colchão retorcido e sujo de lama e outros objetos contaminados por lama tóxica — provavelmente descartados, pois são irrecuperáveis. O olhar dela para fora do quadro, para a extensão do desastre que não cabe em uma única fotografia e que não enxergamos, revela um semblante apreensivo, desolado e um pouco atônito. Ela veste uma blusa com listras diagonais pretas e brancas que remetem às faixas de interdição utilizadas para sinalizar e restringir o acesso a determinadas áreas devido a obras, crimes, áreas contaminadas ou outras situações que impedem o fluxo normal de circulação no local. O (antigo) branco das esquadrias, da fachada e da grade da escadaria e da

[1] A proporção áurea, também conhecida como Fibonacci, é de onde deriva a composição da Regra dos Terços na fotografia. Essa proporção é um conceito estético que cria composições mais harmônicas na imagem guiando, assim, o olho do espectador (leitor da imagem) nos principais elementos e focos de interesse da mensagem fotográfica (Sousa, 2004).

[2] A artista Isis Medeiros documentou os impactos ambientais e sociais de Mariana durante cinco anos e reúne o trabalho numa narrativa sensível no livro 15:30 - horário de rompimento da barragem.

varanda da casa contrasta com os tons de marrom que marcam as alturas e intensidades com que chegou a enxurrada de lama.

Fig. 2 - Residência atingida por rejeitos da catástrofe em Mariana



Fonte: Medeiros (2020).

Na fotografia da artista visual Marina Chiapinotto (Fig. 3), também vemos linhas de lama, mas não em Minas Gerais. São marcas da enchente de proporções catastróficas que atingiu o estado do Rio Grande do Sul, em maio de 2024. Mais precisamente, são marcas de lama, após a drenagem das águas do lago Guaíba, que grifaram a paisagem e a arquitetura da capital gaúcha (assim como das outras 477 cidades atingidas pela enchente). Na imagem, composta em área de sombra, com luz suave sobre tons frios e leve subexposição (o que acentua a dramaticidade da cena), temos um carro em primeiro plano, com um prédio do outro lado da rua refletido nas suas janelas. Ao fundo, no segundo plano da composição, outro edifício com linhas marrons (mais sutis) do nível em que a água da enchente atingiu um pouco abaixo das molduras azuis das janelas do térreo. Tanto os edifícios quanto o automóvel são símbolos da urbanização pós-revolução industrial e preenchem

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

quase por completo o quadro fotográfico na composição em plano médio. A utilização da objetiva 50 mm[3] dá a sensação das reais proporções dos elementos que aparecem na imagem e, assim, percebemos que a água atingiu mais de um metro pela sua marca na janela do carro.

Fig. 3 - Marcas de lama no bairro Menino Deus, próximo ao lago Guaíba



Fonte: Marina Chiapinotto (2024).

Já na imagem de autoria de Isabelle Rieger (Fig. 4), a marca da lama está no segundo plano da cena. A fotografia foi obtida em uma escola de um dos tantos bairros atingidos pelas águas da enchente de maio de 2024 na cidade de Porto Alegre. Tal dedução se dá pelos indícios das tradicionais cadeiras com braços, usadas em ambientes escolares, e pela presença da tabela periódica em um dos pontos áureos da composição (foco de atenção principal). É uma fotografia levemente subexposta, o que acentua o sentido de drama — não só no texto imagético, mas também na extensão da tragédia de grandes proporções no Rio

[3] A objetiva 50mm tem o ângulo de captação da imagem mais aproximado ao do olho humano e por isso não causa distorções na perspectiva da fotografia.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Grande do Sul. Vemos as carteiras dos estudantes, com seus “braços” (as mesas de apoio para cadernos e livros), estufadas pela água e cobertas de lama seca. Dois terços da composição estão preenchidos por tons amarronzados na água lamacenta e, no terço superior horizontal, há marcas antigas de prateleiras no entorno da tabela periódica pendurada na parede da sala de aula. A tabela periódica reúne os principais elementos químicos, ordenados de acordo com suas propriedades físicas e químicas. Ao lermos esse texto imagético, pensamos no quanto desses elementos estão presentes na água da enchente, no quanto há poluição e contaminação química — para além de doenças transmitidas pelas águas.

Fig. 4 - Escola Estadual Cândido Godoy, no bairro Navegantes



Fonte: Rieger (2024).

Ao realizarmos as leituras dos textos imagéticos do repertório acima apresentado, percebemos indícios do que perpassa todas as imagens: as linhas de lama, todas captadas em ângulo frontal (ponto de vista na altura dos olhos) e em plano geral, enfatizando as margens de lama em diferentes cenários. Desse modo, tais linhas tornam-se signos de paisagens inabitáveis decorrentes de tragédias ou de

Volume 2026
ISSN 2319-0868

crimes ambientais. A lama, por ser pegajosa, desordenada e de difícil travessia e limpeza, representa essas situações calamitosas; ou seja, torna-se ícone das catástrofes ambientais contemporâneas. Destacamos que, ao abordar os efeitos e desdobramentos do habitar em cenários e paisagens que se desfazem e impossibilitam a vida humana e não humana, percebemos o estado atual em que vivemos: de calamidade e desalojamento existencial.

Por fim, para retomar a discussão da primeira seção, vale ressaltar que tais imagens simbolizam um pouco o descaso, a omissão e a falta de compromisso por parte da iniciativa privada e das instituições públicas em relação aos problemas do Antropoceno. No caso de Mariana, houve omissão por parte da empresa responsável pela barragem, que preferiu apostar na exploração exacerbada, sob risco de rompimento, única e exclusivamente porque o lucro seria inúmeras vezes maior do que a eventual indenização. No caso das enchentes e inundações no Rio Grande do Sul, houve alertas e monitoramento de décadas sobre a necessidade de obras de prevenção, mas os municípios optaram pela omissão. Em Porto Alegre, retratada nas duas últimas imagens, houve descaso por parte da prefeitura, que apostou no caos e buscou se eximir da responsabilidade política. Contudo, como apontamos anteriormente, há uma forte relação entre o modo como o ser humano atua no ambiente e os desastres ambientais e/ou os fenômenos naturais de grande proporção que enfrentamos nos últimos tempos. Como afirma Caney (2021), talvez seja importante repensarmos o modo como avaliamos os impactos das mudanças climáticas, como os atores políticos podem considerar os riscos e incertezas nas projeções climáticas, além de propor novos limites para regular políticas climáticas, como responsabilizar climaticamente quem tenta se eximir da justiça climática.

5 Considerações finais

Na última década, vivenciamos com maior intensidade inúmeros desastres ambientais. Destacamos, aqui, de modo pormenorizado, o desastre do rompimento da barragem em Mariana e das enchentes no Rio Grande do Sul. As duas ocorrências, como bem salientamos, se conectam imageticamente pela lama e pela água, uma marcada pelos rejeitos de minério tóxicos, outra marcada pelo escoamento das águas da enchente. Como há diversas barragens em situação de

Volume 2026
ISSN 2319-0868

alerta, surgiu um sentimento de alerta social entre as comunidades próximas a essas localidades. No Rio Grande do Sul, de onde falamos, após a enchente de 2024, parece que passamos a viver em um *E/estado de calamidade*, no sentido de que há uma calamidade jurídico-política, mas também psicológica, social, geográfica, além de uma forma de habitar, no estado do Rio Grande do Sul, que se tornou um alerta constante. Há, em ambos os estados, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, uma conexão traumática e uma espécie de luto coletivo enfrentado pelas respectivas populações, que passam anos elaborando tais vivências, sem necessariamente terem um fechamento, pois não há controle sobre a situação. Cada previsão do tempo e indício de chuva se tornaram um medo, pois remetem ao nosso trauma e ao nosso luto coletivos. No habitar pós-enchente, dormir ao som da chuva não é mais relaxante; ao contrário: se tornou signo de alerta, temor e gatilho traumático.

Para isso, na primeira seção, refletimos sobre o Antropoceno enquanto era marcado pela ação humana como força geológica degradante, mobilizando autores como Crutzen e Stoermer, Latour, Haraway e Moore para discutir como o modelo capitalista de hiperprodutividade e exploração da natureza produz paisagens em colapso e modos de vida ameaçados. Ao aprofundar o conceito de “habitar”, contrapomos a lógica utilitarista moderna à sabedoria ameríndia, sobretudo a de Krenak, que propõe modos de coabitação mais éticos e comunais, bem como alternativas radicalmente críticas ao crescimento, como o decrescimento de Saito. A segunda seção deslocou o debate para a análise imagética, aplicando referenciais semióticos e culturais, como Barthes, Bystrina e Flusser para interpretar quatro fotografias de Mariana e do Rio Grande do Sul que evidenciam a inabitabilidade crescente das paisagens, unificadas pelo signo da lama. As imagens, lidas como “textos”, revelam camadas técnicas e culturais que expõem a destruição provocada tanto por crimes ambientais de mineradoras — discutidos a partir de Leeuven, Milagres e Mansur — quanto por eventos climáticos extremos decorrentes da crise ambiental, configurando uma crítica ampla ao descaso público e privado e aos modos de habitar que nos conduziram ao presente cenário.

Quando decidimos abordar eventos ambientais e climáticos, próprios do desprezo do ser humano para com o meio ambiente — seja por uma exploração desenfreada de minérios ou pelo descaso da administração pública na resposta à

enchente e à sua repercussão midiática —, nosso intuito era informar, provocar e fazer pensar sobre o tema, combinando uma reflexão teórico-filosófica com uma análise de texto imagético. Ao empregar fotografias para abordar temas aqui tratados, possibilitamos que quem nos lê seja impactado(a) pelos registros de acontecimentos que marcam e explicitam o apagamento de paisagens habitáveis no Brasil. As linhas de lama retratam cenários *desfuturizados*, momentaneamente ou permanentemente, que nos fazem repensar o modo como habitamos o mundo e projetar outras formas de habitar a partir do contexto de declínio ambiental e da redução de possibilidades de vidas antes asseguradas. As análises realizadas ao longo deste artigo apontam que as paisagens reveladas pelas fotografias de Mariana e do Rio Grande do Sul não são apenas registros documentais de catástrofes ambientais isoladas, mas também expressões materiais do Antropoceno enquanto regime histórico, político e estético. As linhas de lama que marcam árvores, paredes, escolas e automóveis — e que constituem o fio unificador do corpus imagético — condensam, em sua materialidade densa e opaca, a assinatura geológica e simbólica de um modo de habitar o mundo que entrou em colapso. Elas tornam visível e cristalizado aquilo que os debates ambientais, por vezes, mantêm na abstração: a articulação entre capitalismo extrativista, vulnerabilidade dos territórios e produção de inabitabilidades presentes e futuras.

Ao mesmo tempo, ao serem tratadas como textos visuais, as fotografias mostram que a arte contemporânea não atua meramente como representação ou espelho da devastação, mas como dispositivo interpretativo capaz de ampliar e complexificar o olhar. A operação estética realizada pelos(as) fotógrafos(as) — seja pelo enquadramento que revela a escala da destruição, seja pela escolha de planos que aproximam o humano do inumano, seja ainda pelo uso de luz e composição que sublinha a dimensão fantasmática das paisagens — transforma a lama em signo e sintoma. Entre a superfície fotográfica e a profundidade dos eventos, emerge uma crítica visual que escapa do registro estritamente jornalístico/midiático e interpela o espectador a habitar, ainda que por alguns instantes, o desconforto e o estranhamento que caracterizam o viver num mundo em colapso. Essa potência da arte de revelar aquilo que tende a ser normalizado — a violência lenta, as negligências contínuas, a erosão silenciosa das condições de vida — conecta-se à reflexão proposta na primeira seção deste artigo: se o Antropoceno é uma era

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

definida não apenas por alterações geofísicas, mas também pela incapacidade moderna de reconhecer a interdependência entre seres humanos e não humanos, então as imagens analisadas atuam como contradispositivos. Elas devolvem à superfície do visível aquilo que a racionalidade produtivista tenta ocultar: que a lama não é só matéria, mas política; não é só resíduo, mas escrita; não é só passado, mas presságio.

Além disso, quando as fotografias evidenciam a perda de referências — casas marcadas, escolas devastadas, corpos deslocados —, revelam que habitar deixou de ser apenas uma ação espacial e tornou-se uma tarefa ética. As imagens permitem ver que o habitar contemporâneo é marcado pela precariedade e pela incerteza, configurando, segundo Haraway, a necessidade de *recriar refúgios* em meio ao esgotamento. Assim, o que os desastres de Mariana e das enchentes gaúchas expõem não é somente o rompimento de uma barragem ou a falha de um sistema de prevenção, mas também o rompimento das próprias condições de continuidade de formas de vida — humanas e não humanas.

Nesse sentido, o corpus fotográfico analisado assume uma dupla função: testemunha e crítica. Testemunha, pois registra com precisão a extensão dos danos, preservando fragmentos de um mundo que se dissolve. Crítica, porque, ao compor visualidades que recusam o sensacionalismo, convoca o espectador a refletir sobre responsabilidades, omissões e futuros possíveis. As fotografias tornam sensível a urgência de repensarmos as políticas do habitar — não apenas como ocupação de um território, mas como gesto coletivo de cuidado, reparação e reinvenção. Concluímos, portanto, que as paisagens inabitáveis analisadas não constituem apenas cenários de perda, mas também lugares de enunciação. Nos traços da lama — simultaneamente vestígio, ferida e signo — inscreve-se a narrativa de um país que enfrenta as consequências do Antropoceno de forma desigual e traumática. A arte contemporânea, ao lidar com esses vestígios, cumpre um papel fundamental: o de lembrar que, mesmo em meio às ruínas, ainda é possível produzir memória, conhecimento, afetos e novos modos de imaginar o que significa habitar o mundo em comum.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Referências

ABREU, Jorge. Leite mudou quase 500 normas ambientais em 2019; especialistas criticam gestão. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 8 de maio de 2024. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2024/05/leite-mudou-quase-500-normas-ambientais-em-2019-especialistas-criticam-gestao.shtml. Acesso em: 10 nov. 2025.

ALTINO, L.; AZEVEDO, L. F. Desastre em Brumadinho: veja o antes e depois da região afetada pelo rompimento da barragem da Vale. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 jan. 2024. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/01/25/desastre-em-brumadinho-veja-o-antes-e-depois-da-regiao-afetada-pelo-rompimento-da-barragem-da-vale.ghtml. Acesso em: 20 nov. 2025.

BAITELLO, N. O **Animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.

BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **O óbvio e o obtuso**: ensaios sobre fotografia, cinema, pintura, teatro e música. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BYSTRINA, I. **Tópicos de semiótica da cultura**. São Paulo: Pré-print do CISC, 1995.

CANEY, S. Climate Justice. *In*: ZALTA, E. S. (ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**, [S.l.], 2021. Disponível em: https://plato.stanford.edu/archives/win2021/entries/justice-climate/. Acesso em: 20 nov. 2025.

CLIMA INFO. Tragédia no RS: prefeito de Porto Alegre culpa chuva e não admite falhas na manutenção do sistema anticheias. **Clima Info**, São Paulo, 23 de maio de 2024. Disponível em: https://climainfo.org.br/2024/05/23/tragedia-no-rs-prefeito-de-porto-alegre-culpa-chuva-e-nao-admite-falhas-na-manutencao-do-sistema-anticheias/. Acesso em: 20 nov. 2025.

CRUTZEN, P. J.; F. STOERMER, E. The Anthropocene. **Global Change Newsletter**, v. 41, p. 17-18, 2000. Disponível em: http://www.igbp.net/download/18.316f18321323470177580001401/1376383088452/NL41.pdf. Acesso em: 20 nov. 2025.

DUARTE, E. **Fotos & Grafias**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Estudo do governo destaca impactos socioeconômicos dos eventos extremos de 2024. 29 abr. 2025. **Notícias de Imprensa**. Disponível em: https://estado.rs.gov.br/estudo-destaca-impactos-socioeconomicos-dos-eventos-extremos-de-2024. Acesso em: 20 nov. 2025.

FLUSSER, V. **A filosofia da caixa preta**: ensaio para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

HARAWAY, D. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: making kin. **Environmental Humanities**, v. 6, n. 1, p. 159-165, 2015. Disponível em: https://read.dukeupress.edu/environmental-humanities/article/6/1/159/8110/Anthropocene-Capitalocene-Plantationocene. Acesso em: 20 nov. 2025.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

LATOUR, B. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo; Rio de Janeiro: Ubu Editora; Ateliê de Humanidades Editorial, 2020.

KUSSLER, L. M. A desobediência comunal entre arte, filosofia e educação. **Revista da FUNDARTE**, v. 60, n. 60, p. e1406, 2024. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1406/1501. Acesso em: 21 jul. 2025.

KUSSLER, L. M. O habitar de Hermes pode acomodar formas de vida [in]cômodas no Antropoceno? **Kalagatos**, v. 20, n. 2, p. 1-17, 2023. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/10210/9290. Acesso em: 20 jul. 2025.

KUSSLER, L. M.; CAPRA, C. L. Filosofia e educação em práticas poéticas desobedientes no Obedienceno. **Revista Apotheke**, v. 9, n. 3, p. 50-74, 2023. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/23891/16581. Acesso em: 21 jul. 2025.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEEUVEN, L. G. Van. Imaginários sociotécnicos e reparação ambiental: as medidas reparatórias da barragem de Fundão em Mariana/Minas Gerais (Brasil). *In*: NASCIMENTO, E. P. do; FONSECA, F. (orgs.). **Temas intangibles sobre el medio ambiente en América Latina**. Lima: Asociación Latinoamericana de Sociología de Perú, 2021. p. 309-321. Disponível em: https://sociologia-alas.org/2021/10/14/libro-temas-intangibles-sobre-el-medio-ambiente-en-america-latina/. Acesso em: 20 nov. 2025.

LEÓN, L. P. Entenda estudo da Nasa sobre “Brasil inabitável” em 50 anos. **Agência Brasil**, Brasília, 24 jul. 2024. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-07/entenda-estudo-da-nasa-sobre-brasil-inabitavel-em-50-anos. Acesso em: 20 nov. 2025.

_____. Devastada pela água, Roca Sales vive entre migração e reconstrução. **Agência Brasil**, Brasília, 23 jun. 2024. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-06/devastada-pela-agua-roca-sales-vive-entre-migracao-e-reconstrucao. Acesso em: 20 nov. 2025.

LOURENÇO, C. 'É desesperador o despreparo': O passo-a-passo da inoperância no RS, segundo um dos responsáveis por alertar as autoridades. **Intercept_Brasil**, Rio de Janeiro, 11 de maio de 2024. Disponível em: https://www.intercept.com.br/2024/05/11/o-passo-a-passo-da-inoperancia-no-rs-segundo-um-dos-responsaveis-por-alertar-as-autoridades/. Acesso em: 20 nov. 2025.

MACHADO, A. **A ilusão especular**: introdução à fotografia. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MALM, A. Who lit this fire? Approaching the history of the fossil economy. **Critical Historical Studies**, v. 3, n. 2, p. 215-248, 2016. Disponível em: https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdf/10.1086/688347. Acesso em: 20 nov. 2025.

MEDEIROS, I. **15:30**. Belo Horizonte: Tona, 2020.

MELO FILHO, C. de. Incertezas emergentes: arte, ecologia e mudanças climáticas no tempo do Antropoceno. **MODOS**: Revista de História da Arte, v. 7, n. 1, p. 141-166, 2023. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8670574/31074. Acesso em: 20 nov. 2025.

MILAGRES, L.; MANSUR, R. Mariana, 9 anos após desastre: famílias sem casa, pesca proibida, ninguém punido; 9 pontos para entender a tragédia. **G1**, Belo Horizonte, 5 nov. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/11/05/mariana-9-anos-apos-desastre-familias-sem-casa-pesca-proibida-ninguem-punido-9-pontos-para-entender-a-tragedia.ghtml. Acesso em: 20 nov. 2025.

MOORE, J. W. The rise of cheap nature. *In*: MOORE, J. W. (ed.). **Anthropocene or Capitalocene?** Nature, history, and the crisis of capitalism. Binghamton: PM Press, 2016. p. 78-115.

_____. The Capitalocene, part I: on the nature and origins of our ecological crisis. *The* **Journal of Peasant Studies**, v. 44, n. 3, p. 594-630, 2017. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03066150.2016.1235036. Acesso em: 20 nov. 2025.

O AMANHÃ é hoje. Documentário. Coordenação e produção executiva: Thais Lazzeri. Roteiro: Laura Toledo Dauden e Thais Lazzeri. [S.l.]: Forward, 2018. (23 min), son., color.

RETRATOS fantasmas. Direção: Kléber Mendonça Filho. Cinematografia: Pedro Sotero Edição: Matheus Farias. Produção executiva: Dora Amorim. Recife; São Paulo: CinemaScópio; Vitrine Filmes, 2023. (93 min), son., color.

RIEGER, I. **Dramas da enchente**: 'população mais atingida continua sofrendo por falta de ação do estado'. Disponível em:

https://www.brasildefato.com.br/2024/06/26/dramas-da-enchente-populacao-mais-atingida-continua-sofrendo-por-falta-de-acao-do-estado/ Acesso em: 20 nov. 2025.

PÁDUA, J. A.; SARAMAGO, V. O Antropoceno na perspectiva da análise histórica: uma introdução. **Topoi**, v. 24, n 54, p. 659-669, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/topoi/a/HZsSJNVh6CbQTLzRKNNTWbP/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 nov. 2025.

SAITO, K. **Slow down**: the degrowth manifesto. New York: Astra House, 2024.

STERZI, E.; VEIGA, B. Fotografia e catástrofe: Mariana (MG). **ZUM**: revista de fotografia, São Paulo, 3 jun. 2016. Disponível em: https://revistazum.com.br/ensaios/mariana-mg-bruno-veiga/. Acesso em: 20 nov. 2025.

VILCHES, L. **La lectura de la imagen**: prensa, cine, televisión. Barcelona: Paidós, 1988.

Recebido em:09/12/25 .
Aceito em:26/03/2026 .
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Leonardo Marques Kussler
Doutor em Filosofia pela UNISINOS (2018). Pesquisador visitante PDCTR FAPEPI/CNPq no PPGFil da Universidade Federal do Piauí (2019-2021) e no PPGED da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (2022-2024). Atualmente é pesquisador PIPD CAPES no PPG Filosofia UNISINOS, São Leopoldo, Brasil, e Research Fellow na Takachiho University, Tóquio, Japão.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8876-8211
E-mail: leonardo.kussler@gmail.com

Marina Lorenzoni Chiapinotto
Jornalista graduada pela Universidade Franciscana (UFN), Especialista em Projetos de Mídia (UFN) e em Práticas Curatoriais (UFRGS), Mestre em Ciências da Comunicação (UNISINOS). Atualmente é doutoranda em Artes Visuais (UFRGS) - pesquisa desenvolvida com subsidio de bolsa CAPES. É artista visual e desenvolve projetos artísticos independentes em fotografia documental contemporânea, cujos temas versam sobre a urbe.
ORCID: https://orcid.org/0009-0005-3672-0549
E-mail: marina.chiapinotto@gmail.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

KUSSLER, Leonardo Marques; CHIAPINOTTO, Marina Lorenzoni. HABITANDO CENÁRIOS DE UMA PAISAGEM INABITÁVEL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE FOTOGRAFIAS DE DESASTRES AMBIENTAIS NO BRASIL. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026,p 1-25, Ano 2026. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

REVISTA DA FUNDARTE

KUSSLER, Leonardo Marques; CHIAPINOTTO, Marina Lorenzoni. HABITANDO CENÁRIOS DE UMA PAISAGEM INABITÁVEL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE FOTOGRAFIAS DE DESASTRES AMBIENTAIS NO BRASIL. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026,p 1-25, Ano 2026. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br